

Acontecer, durar, descrever, reescrever – nomes e formas em Alain Badiou

Após cerca de um ano de trabalho eis que finalmente, e com alegria, que se publica o dossier temático “O pensamento de Alain Badiou: recepções e crítica”. Reunimos quatorze textos, oriundos de lugares, instituições, línguas, conceitos e visões distintas, contribuindo para a recepção e circulação do pensamento de Alain Badiou no Brasil. Se se quiser outro recorte, o leitor será contemplado com reflexões sobre os quatro tipos de acontecimentos fundadores de verdade: amor/psiquismo, política, arte e ciência. Comentado e traduzido em países de língua inglesa, com forte entrada no mundo hispânico (sobretudo Espanha e Argentina), o legado de Badiou ainda tem espaço para intervir no debate intelectual brasileiro e de língua portuguesa. Claro está que há algumas entradas possíveis nesse universo. O mini-curso, dado na UFRJ, *Para uma nova teoria do sujeito* (1994), resume didaticamente sua filosofia. Que se assinale o pioneirismo do também ex-aluno, tradutor e pesquisador canadense radicado no Brasil, Norman Madarasz, com uma série de artigos e o livro de caráter sistematizador, *O múltiplo sem um* (2011), pesquisador presente neste volume. De modo geral, e isto também será aqui tratado, pode-se inferir que sua recepção se deu majoritariamente no campo psicanalítico, como veremos no artigo de Rodrigo Gonsalves.

Lúcido, ativo, combativo e presente no debate público do alto de quase nove décadas, Badiou mantém seu seminário aberto ao público, no

qual trata da orientação no pensamento em um contexto de escassez de acontecimentos. Em paralelo, se dedica ao término de suas memórias, cujo primeiro dos estipulados três volumes veio à luz ano passado. Trabalha, igualmente, em um livro sobre a natureza, baseado em seminários passados. Adiantou que a ecologia não pode simplesmente aceitar o mundo tal como existe, sob pena de perpetuar os processos de dominação e da formação coletiva da pulsão de morte.

O pensador francês retoma noções pouco trabalhadas e mesmo esquecidas por seus pares, como sujeito, verdade, sistema. Sua articulação conceitual parte do múltiplo que surge e reúne acontecimento, sujeito e verdade, refundando a ontologia com a teoria dos conjuntos e, mais recentemente, a determinação do absoluto enquanto infinito é um trabalho na realidade finita, transformando de maneira interna seu sistema em uma teoria das condições – em resumidíssimas contas.

O sujeito faz durar. Melhor: é a maneira de tornar a contingência pensável, substituindo a empiria pela ideia. Efeito de forças, formalmente o sujeito é o vazio que permite dicção. A filosofia não “faz” nada, por assim dizer; ela é um esforço do sujeito interpelado por um real que o ultrapassa. Assim sendo, o acontecimento, em suas quatro formas ou enquanto “procedimentos genéricos”, antecede a filosofia – ou, se se quiser, a conjunção entre matema e poema. São eles: arte, amor, política e ciência. Dessa maneira, o ponto local tem a potência de universalização – ou o acontecimento pode ter seu nome veiculado, promovendo lugares de subjetivação. A primazia da experiência, termo usado aqui no sentido amplo de exterioridade não controlada pela intenção, em um só tempo criadora do sujeito e por ele nomeada, impõe uma compossibilidade de verdades, fugindo assim de todo dever-ser (figura da moral e da objetividade estática). Em termos mais diretamente badiouianos, o múltiplo deve poder se expressar, não sendo reduzido às suas condições. A referida compossibilidade consiste em postular que não há apenas uma

causalidade a explicar o mundo fenomênico e o advento dos sujeitos (herança lacano-althusseriana de deslocamento com fusão e também de sobredeterminação). Nesse sentido, o acaso é, dialeticamente, o acaso de uma situação, permitindo um processo de diferenciação e ensejando a posteriori sua inteligibilidade.

O número se abre com texto do próprio autor, “A propósito da conjuntura atual” (com cuidadosa tradução de Matheus Lisbôa Matarangas). Ainda que trate de 2020, Badiou assevera se tratar ainda hoje das mesmas questões. Aliás, se agradece uma vez mais indicação e liberação do texto. As revoltas atuais, além de fragmentadas, se baseiam em uma negação e um “movimentismo”, sem coesão afirmativa criadora. Por essa razão o autor conclama fortemente a uma crítica à propriedade privada. Os textos seguintes seguem de certa maneira o tom aqui dado. Gustavo Chataignier, em “Política e imanência: impossível e aparecer no Alain Badiou leitor de Marx”, aponta para busca de um marxismo dotado de uma teoria do sujeito no pensamento político de Badiou. Seu polêmico diálogo com o marxismo, a partir de *Sobre a ideologia* e a busca por “invariantes comunistas” na década de 1970, e sua tentativa de fazer justiça a uma política de emancipação independente do Estado e da forma partidária, colocam-no no campo marxista. Apoiando-se em obras mais recentes, como *A Hipótese Comunista*, Alain Badiou pretende instituir uma política de ruptura inscrita na impossibilidade do desejo, dando ao marxismo um lugar dentro da filosofia com a ideia de sujeito imanente. Uma vez mais a radicalidade da crítica à propriedade privada vem à tona.

Mikel Varela Pequeño contribuiu com “Del Dos al Tres; o de la dialéctica –de la sustracción– de Alain Badiou”. Em seu trabalho, o autor toma a obra de Badiou de maneira estrutural, buscando a centralidade da operação de subtração. Para tanto, se propõe uma releitura de tal corpus filosófico que desemboca em nova concepção da dialética, centrada na relação entre subtração, afirmação e negação. Desta forma, seria possível

incorporar a afirmação e construir um pensamento materialista. Já Ignacio Gordillo nos brinda com “¿La ruptura ante todo? Pensar la política en la filosofía de Badiou: entre el acontecimiento y su historicidad”. Tenta-se elucidar até que ponto o sujeito-militante do acontecimento, que realiza uma intervenção fundamental para o seu desdobramento na situação, ao mesmo tempo que deve isolar-se do seu ambiente para abraçar esta ruptura, também precisa aproximar-se da história das sequências políticas anteriores para estar preparado para o aparecimento aleatório do novo. Da mesma forma, o vínculo militante com os acontecimentos das políticas de emancipação está amparado por uma ética subjetiva que este artigo considera valiosa para estudar o papel do filósofo no cenário contemporâneo.

Stéphane Vinolo é o autor de “Alain Badiou: filosofía de la fuga”. A criativa apropriação do professor equatoriano se baseia na compreensão de dita filosofia como uma filosofia do movimento, tensionando, ainda que indiretamente, a exclusividade que certas filosofias de extração francesa pretendem possuir acerca das noções de devir, fluidez etc. O movimento e o fluxo são em grande parte características do capitalismo tardio que se apresenta como líquido. Para diferenciar esses dois movimentos, o autor propõe pensar a filosofia de Badiou como uma fuga que se opõe à fuga ou fuga do capitalismo.

Passando ao bloco, por assim dizer, anglófono, temos os textos de Norman Madarasz e Reza Naderi – respectivamente “The Conditional Spiral in Alain Badiou’s philosophical system” e “Love - The Scene of the Two”. Sem sombra de dúvida se leem os textos mais sistemáticos dos aqui reunidos. Madarasz empreende o hercúleo, e quiçá único, esforço de mapear transformações intestinas no bojo do sistema badiouiano. Ou seja, reuniu uma visão de conjunto das três partes de *Ser e Acontecimento* – com interpretações de *Logiques des mondes* e *L’immanence des vérités*, ambas sem tradução em português (o segundo volume sim está disponível

em espanhol). Apontam-se para ciclos do condicional, vetor presente desde a fundação do sistema em 1988. Neste artigo, argumenta-se que essa revisão considerável foi possibilitada pela lógica condicional multicamadas que estrutura seu sistema filosófico. Afirma-se que, sem tal lógica, nenhuma proposta filosófica sobre a diferença radical e seu surgimento material pode ser tomada como uma possibilidade real. A ontologia mapeia uma teoria radicalmente formal, condicionada por acontecimentos, distribuída por tipos de sujeito. A teoria das condições fornece os parâmetros pelos quais validar essa afirmação.

Reza Naderi se propõe explorar a teoria do amor de Alain Badiou, esmiuçando a interação entre amor, verdade e diferença sexual. A concepção de amor de Badiou desafia as perspectivas filosóficas tradicionais e modernas ao se recusar a reduzir o amor a mero desejo físico, fusão romântica ou mesmo simples companheirismo. Em vez disso, Badiou apresenta o amor como um procedimento de verdade que transcende os desejos individuais e engendra uma nova realidade existencial, a "cena dos Dois". A formalização do amor de Badiou diverge significativamente da teoria da sexuação de Lacan. Enquanto a estrutura de Lacan está profundamente enraizada na função fálica, que serve como princípio organizador para posições masculinas e femininas, a abordagem de Badiou enfatiza a não relação fundamental entre os sexos – uma nova configuração que emerge dela — uma cena onde o Dois pode existir em um estado dinâmico e indeterminado, constantemente em movimento e constantemente redefinido.

Vera Lúcia Follain de Figueiredo e Luiz Baez elaboram a questão da crítica cinematográfica em “O que se pode falar de um filme? Alain Badiou e a crítica de cinema”. Sua fonte privilegiada para tanto é o ensaio “Pode-se falar de um filme?”, publicado originalmente em 1994 e depois modificado para integrar o livro *Pequeno manual de inestética*. Retomando os três tipos de juízo propostos por Badiou, indistinto,

diacrítico e axiomático, busca-se pensar como este último pode oferecer contribuições à escrita sobre a sétima arte, apta a pensar o cinema como acontecimento.

Lorena Souyris, em « Alain Badiou lector de Hegel », investiga a leitura feita pelo autor do clássico alemão. Segundo a pesquisadora, um exercício de aproximações e afastamentos sucessivos se presta a pensar o conceito de todo como separação ou contenção, reivindicando assim a criação de um novo lugar para o pensamento. Por seu turno, Gorica Orsholits aborda a construção da verdade acontecimental em “New Truths in Alain Badiou’s Thought”.

O leitor terá a ocasião de apreciar o texto “Badiou leitor de Espinosa”, de Pierre François Moreau (tradução a cargo de Luiz Baez, cujo original remete a capítulo de *Alain Badiou: penser le multiple*, org. Ramond, Charles. Paris: Éditions l’Harmattan, 2002 – gentilmente cedido pela editora e pelo professor Moreau). Recopilando grandes textos de Badiou bem como conferências e seminários, Moreau estabelece que o espinosismo de Badiou passou por uma inversão das figuras da totalidade e da subjetividade: se, há 30 anos, o perigo da totalidade apontava para o extremo de uma problemática que criticava a negatividade pensada como subjetividade, vê-se hoje o Sujeito surgir nos impasses de uma problemática centrada no Um – ou, talvez, assombrá-la como um espectro.

Mencionado anterior, Rodrigo Gonsalves contribui com “Alain Badiou, Lacan e a psicanálise brasileira”. O autor retoma o que Badiou chama de “antifilosofia”, mais especificamente aqui, a psicanálise. Traçando brevemente as vias de entrada do pensamento de Alain Badiou no Brasil, o artigo levanta a hipótese de que a acolhida de Badiou pela psicanálise implica em nova leitura tanto da filosofia quanto da clínica, criticando estratégias institucionalizantes e tecnologias de dominação. “Badiou y yo: la filosofía como práctica de anudamiento”, eis o título da reflexão de Roque Farran. “Materialistas, à prática!”, assim é o leitor

exortado a pensar o giro prático da filosofia, indicado por Badiou e relatado em primeira pessoa pelo pensador argentino. Prática de atar nós, de atribuir estabilidade ao passageiro, tal noção de filosofia é prática posto que é uma forma de fazer que inclui a teoria, mas não se reduz a ela; tampouco não se trata apenas de uma descrição ou explicação geral do mundo ou das ideias, uma episteme, mas um modo de vida que se alimenta de vários exercícios: ontológicos, críticos, éticos.

O volume se fecha com mais uma tradução de Alain Badiou, “Imagens do tempo presente” (por José Mauro Garboza Junior), capítulo do livro *Pornographie du temps présent* (Paris: Fayard, 2013). Em meditação que prima pelo poder de síntese e calcada na peça “A varanda”, de Jean Genet, Badiou explora a profusão de imagens do tempo presente, de modo a apontar as vias possíveis de orientação.

Esperamos que o dossier levado a cabo pela Revista Poliética abra espaço e desperte interesse acerca da vasta produção de Alain Badiou, servindo como interlocução e fonte para iniciados e iniciantes.

Boa leitura!

Gustavo Chataignier, UCM, Chile